

“1984”: DISTOPIA OU REALIDADE?

Volnei José Righi¹

RESUMO: A obra “1984” retrata um mundo imaginário, dividido em três continentes, projetado 35 anos à frente da sua publicação, ocorrida em 1949. Focado na Oceânia, o livro expõe uma realidade limitadora de tudo: de vocabulário e ortografia, de pensamento e liberdade, de identidade e expressão, de assistência e subsistência das populações marginalizadas. Em vez disso, o governo da Oceânia provoca a violência, o medo, a tortura, a vigilância e o controle ostensivo das pessoas e do pensamento, além de uma extrema segregação social. O gênero literário de “1984” é classificado como distopia, termo que define o sistema governamental tirano e totalitarista implementado pelo “partido” da Oceânia. Ao imaginar um novo mundo, George Orwell expõe um amplo cenário de injustiças sociais, sobretudo provocadas por modelos de governos corruptos e contrários à democracia. O legado de Orwell inevitavelmente nos convida à reflexão sobre o mundo que queremos e o papel de cada um de nós nessa proposta de mudança da realidade, reforçando o papel da arte como ferramenta de transformação social.

Palavras-chave: Literatura; Distopia; Fake News; Totalitarismo; Transformação Social.

« 1984 » : DYSTOPIE OU RÉALITÉ ?

RÉSUMÉ: « 1984 » est un ouvrage d’anticipation qui met en scène un monde imaginaire, composé de trois continents. Comme l’indique son titre, l’action se situe en 1984, soit 35 ans après la parution du livre en 1949. Centré sur l’Océanie, il expose une réalité qui limite tout : le vocabulaire et l’orthographe, la pensée et la liberté, l’identité et l’expression, l’assistance et les ressources des populations marginalisées. À l’inverse, le gouvernement de l’Océanie gouverne par la violence, la peur, la torture, la surveillance, effectue le contrôle ostentatoire des personnes et de la pensée et impose une ségrégation sociale extrême. « 1984 » est classé comme une dystopie, terme qui définit le système gouvernemental tyrannique et totalitaire mis en place par le « parti » d’Océanie. En imaginant un Nouveau Monde, George Orwell brosse un vaste tableau d’injustices sociales, causées essentiellement par des modèles de gouvernement corrompus et antidémocratiques. L’héritage d’Orwell nous invite à réfléchir au monde que nous voulons et au rôle de chacun d’entre nous dans cette proposition de changer la réalité, en renforçant le rôle de l’art comme outil de transformation sociale.

Mots-clés: Littérature ; Dystopie ; Fake News ; Totalitarisme ; Transformation Sociale.

1. APRESENTAÇÃO

Neste artigo, proponho discutir a obra “1984” (Nineteen Eighty-four), de George Orwell, publicada em 1949. Para isso, dividi o texto em quatro partes. Na

¹ Doutor em Literatura Brasileira e Doutor em Português. Pesquisador-Associado na Université Rennes2, França. Associado à ACFAS / UQÀM – Association Francophone pour le Savoir / Université du Québec à Montréal, Canadá.

primeira, reproduzo excertos compartilhados de outras publicações sobre a obra, selecionados a partir de uma simples busca no Google. Com esse recurso, é possível conhecer outras tantas versões do enredo do romance e ter acesso a várias interpretações do livro “1984”. Em cada uma dessas publicações, o autor expõe o seu olhar e a sua ideologia, e agora entrego ao leitor essa tarefa de contribuir com a ciência: que cada um tenha a oportunidade de interagir à sua maneira com a obra, seja a partir de resumos e artigos já publicados, seja a partir da sua própria experiência ao fazer a leitura integral do livro.

Na segunda parte, discuto questões do livro que aproximam a literatura da sociedade, bem como a forma pela qual a sociedade pode fazer parte da literatura. A partir de situações trazidas pela obra, abro alguns questionamentos que poderão ser objeto de pesquisa por parte de alunos e profissionais do Direito, já que envolvem aspectos legais e jurídicos.

Na terceira, apresento e discuto o termo “distopia”, pois trata-se de um conceito fundamental que define “1984” e contribui para a sua compreensão, relativizando-o com o conceito de utopia. A quarta parte encerra esta abordagem com minhas considerações finais.

2. PRIMEIRA PARTE: Excertos de “1984”².

“O livro foi publicado em 1949, mas a história se passa no ano de 1984, em Londres, em um futuro utópico. O romance “1984” trata da história do solitário Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade, pertencente à Oceânia. A Oceânia, a Eurásia e a Lestásia são as três potências remanescentes da nova divisão, que vivem em conflito entre si. A Oceânia é uma sociedade governada por um único partido (Ingsoc), cujo estado (governo) impõe um regime extremamente totalitário e repressivo, que controla todos os aspectos da vida da sociedade e de seus cidadãos, por meio da vigilância e do comando do Grande Irmão (o Big Brother).

Com relação ao Partido Dominante, a sociedade de Oceânia é dividida em três classes: a maioria, representada pelos membros do núcleo do Partido, era a classe privilegiada; os membros externos do Partido pertenciam à classe média; e

² extraídos dos blogs “Guia Estudo” e “Poeme-se”.

os proletas, compostos pelo restante da população, os quais suportam altíssimas cargas de trabalho e sofrem as maiores desvantagens sociais.

Winston Smith é o contraponto ao regime. Também é responsável pela propaganda e pela reescrita do passado; ou seja, a história, os jornais e documentos antigos eram reescritos de acordo com os interesses do partido. E o que não era reescrito, era destruído. Essa era a forma de o governo se manter no poder, já que, nesse processo de reescrita, eram divulgadas fake news à população, desvirtuando a verdade factual. Winston é da classe média, membro do Partido Externo, mas detesta o governo e seu trabalho. Ele vive pressionado a aceitar o sistema vigente, até que se apaixona por Júlia, colega de trabalho, e que, secretamente, também detesta o governo, e juntos se revoltam contra o Partido.

O Partido é liderado pelo Big Brother, um líder ditador. O Grande Irmão, apesar de nunca ter sido visto pessoalmente, controla e vê tudo e todos. Ninguém escapa ao seu poder. Esse controle é feito por meio das teletelas, que existiam em todas as casas, e por microfones escondidos nas ruas e em pequenos helicópteros (drones). Esses drones tinham a função de filmar o que acontecia dentro das casas particulares. A teletela é como um televisor bidirecional embutido na parede que permitia tanto ver quanto ser visto. E quando nenhum programa estava sendo exibido, mostrava a figura inanimada do Big Brother.

Oceânia é um Estado que não tinha leis, e a única ordem era que todos deviam obedecer ao Partido. Aqueles que não as obedeciam poderiam ser denunciados para a Polícia do Pensamento. O papel da Polícia do Pensamento era fiscalizar o comportamento dos cidadãos, repreendê-los e puni-los, caso tivessem pensamentos próprios (decorrentes da reflexão natural do ser humano) e fossem contra o Big Brother. Qualquer um que questionasse o Partido e os documentos que Winston reescrevia era acusado de cometer a crimideia (ou crime de ideia), cuja sentença poderia ser a pena de morte, aplicada pela Polícia do Pensamento: crimideia não acarreta a morte: crimideia é a morte.

A vida, portanto, é dominada pelo medo, pelo controle e pela repressão. A linguagem se torna mais uma ferramenta de controle, pois é instituído um novo código linguístico para esse país distópico, a novílingua, que seria um idioma do futuro, responsável, por exemplo, pelos neologismos crimideia e pela sua respectiva tradução para crime de ideia. Palavras, letras do alfabeto, traduções, fonemas são extintos e a comunicação passa a ser restrita.

Após algumas atitudes de rebeldia contra o Partido, Júlia e Winston são desmascarados e presos. Winston é torturado por O'Brien e, com o tempo, o prisioneiro começa a aceitar o mundo autoritário do governo. Winston passa pelo tenebroso Quarto 101, considerado o pior lugar do mundo. Os torturadores colocavam uma máscara no rosto do torturado. O cativo tinha uma pequena abertura para uma gaiola cheia de roedores famintos. O mesmo processo de violência acontece com Júlia, até que ambos não resistem às torturas e um denuncia o outro. Winston renega o perigo maior ao Partido e passa a aceitar e a amar o Grande Irmão. Contudo, ele foi rebaixado para um trabalho ordinário num sub-comitê, enquanto Júlia conseguiu fugir do Quarto 101. Por fim, o Partido conseguiu separar os dois, que só se encontram ocasionalmente. Entretanto, não eram mais os mesmos e finalmente se adaptaram ao mundo comandado pelo Big Brother.”

3. SEGUNDA PARTE: Literatura e Sociedade

Ao tomar conhecimento do enredo de “1984”, qual seria o seu primeiro impulso, caro leitor? Dizer que o livro retrata o Brasil atual? Fazer associações com nossa vida cotidiana? Afirmar categoricamente que as fake news introduzidas pelo representante do Ministério da Verdade são as mesmas notícias fake veiculadas hoje? Concluir que o programa Big Brother Brasil foi inspirado em “1984”? Assumir como verdade absoluta que o livro inspirou o desenvolvimento tecnológico do drone, das câmeras de vigilância, dos celulares e das telas de monitoramento? Sentenciar que a língua e a linguagem funcionam exclusivamente como meios de manipulação das sociedades?

Cada pessoa, no uso do seu livre arbítrio, poderá forjar as respostas que quiser a esses questionamentos, cada uma com diversos tons de verdade ou de meias-verdades, mas todas ficariam limitadas ao plano das conjecturas, opiniões e elucubrações. E, portanto, nenhuma delas se torna relevante para a construção deste artigo científico, pois, como o próprio nome revela, este texto se debruça sobre um dos pilares da ciência, que é a pesquisa científica.

Lembremo-nos de que “1984” é uma obra de arte e, como tal, interage com a sociedade por meio de um conceito de verdade chamado “verossimilhança”,

conforme abordei na publicação “Das Letras ao Direito: uma reflexão sobre a obra O sol é para todos, de Harper Lee” (RICADI, 2017)³:

Dizemos que algo é verossímil quando tem aparência de verdade, que é semelhante à verdade, que é provável, podendo estabelecer uma harmonia entre fatos e ideias. Se o leitor perder o foco dessa relação entre as verdades, dos múltiplos pontos de vista, poderá cair nas armadilhas da primeira impressão preparadas pelo autor da obra, pelo seu jogo de palavras e pelos nossos próprios ressentimentos acumulados vida afora. (RIGHI, p. 166)

O que haveria, então, de verdade em “1984”? Pouca coisa, já que não é esse o objetivo de uma obra de arte. É fato, no entanto, que até o nome do autor não é o seu nome verdadeiro, mas seu pseudônimo. George Orwell é, na verdade, Eric Arthur Blair (1903-1950), nascido na Índia Britânica. Esse romance, apesar de contar a história no futuro, foi inspirado em regimes totalitários (distópicos) das décadas de 1930 e 1940, provocando reflexão e crítica ao fato de cidadãos comuns serem reduzidos a peças mecanizadas (ou a apenas números) para “servir” ao Estado por meio do controle total, da exploração e da tortura. Muito mais do que o nazismo ou o stalinismo, aos quais “1984” se refere, é possível traçar paralelos com diversas formas de controle dos governos e dos sistemas capitalistas dominantes.

Mas será que “1984” tem a intenção de revelar “verdades”? Qual seria o objetivo desta obra? Procurarei responder a essas questões no encaminhamento deste texto.

É relevante lembrar que “1984” foi publicado em 1949, quatro anos após o fim da segunda guerra mundial (1939-1945), mas já dentro do contexto da guerra fria (1947-1991) entre os Estados Unidos da América e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ou seja, o autor estava mergulhado em uma atmosfera de guerra e, conseqüentemente, de miséria, de fome, de massacres, de injustiças sociais, contra as quais sempre lutou.

George Orwell não procurou prospectar o Brasil atual em sua obra, mas, sim, toda forma de governo que queira impor e sustentar um regime opressor contra as populações. Inspirado no passado vivenciado por ele, Orwell fez uma publicação em 1946, um ano após o fim da segunda guerra mundial, em que previa o colapso da então URSS, fato corroborado pelo historiador britânico Roberto Conquest (1917-

³ Vol. 02, jan-jul-2017, pág. 155-169.

2015). Percebe-se, com isso, que Orwell se tornaria hábil em ler as sociedades e a prospectar o rumo que cada modelo de governo tomaria nas décadas seguintes. Isso está alinhado a uma citação do seu livro: “Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado”. A obra “1984” foi destaque na vida de George Orwell, assim como “A revolução dos bichos” (Animal Farm, 1945), na qual, por meio da sátira, o autor faz denúncias contra o regime socialista soviético.

Vive-se, portanto, o dilema sobre a relação ou a interação entre a literatura e o contexto social. Em sua obra, Antônio Cândido (2000) estuda as relações entre a arte e o meio social por meio da crítica dialética; ou seja, o social, como elemento externo à literatura, torna-se objeto de interesse como parte da estrutura literária, não como causa ou significado. Isso implica dizer que as realidades vividas pelas pessoas não são a razão pela qual um artista concebe a sua obra, mas são duas estruturas que andam em paralelo. Para Cândido, a obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque, por meio de suas obras, o artista transmite seus sentimentos e ideias do mundo, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade. É assim que a literatura auxilia no processo de transformação social.

No entanto, mesmo não havendo essa relação de causa ou de significado, fatos narrados em uma obra de ficção podem remeter o leitor às suas próprias verdades ou, pelo menos, levá-lo a levantar questionamentos. Lembremo-nos de que o partido do governo estimula as pessoas a delatar comportamentos “suspeitos” de outras pessoas. Assim que o partido do governo apreende uma pessoa delatada, o que se vê na sequência é a prática de técnicas cruéis de tortura, sobretudo no cérebro, esse órgão do corpo humano que seria a “máquina pensante” responsável por estimular a revolta contra o partido. Intervenções cirúrgicas, como a lobotomia e a trepanação⁴, que poderiam ser usadas para o tratamento de doenças, foram subvertidas em instrumentos de tortura e de mutilação pelas mãos de integrantes do governo.

Sem qualquer critério ou julgamento, a pessoa delatada é eliminada sumariamente. Até a certidão de nascimento dessa pessoa é extinta, como se

⁴ Resumidamente, a trepanação é uma intervenção cirúrgica responsável por fazer furos no crânio, enquanto a lobotomia está relacionada à intervenção cirúrgica nas conexões neurológicas cerebrais.

aquele ser nunca tivesse existido. Uma das possibilidades seria associar esse fato às pessoas desaparecidas durante regimes ditatoriais, no Brasil e em outros países da América do Sul. Sem entrar no mérito de “certo” ou “errado”, a provocação de George Orwell atinge o seu alvo, que é proporcionar a reflexão e estimular o debate. Cada um vê o que quer ver, conforme a parábola do “Cego e o elefante”, que narra o momento em que cegos vão “ver” elefantes: um “vê” uma pata; outro “vê” a tromba; um terceiro “vê” o rabo; outro “vê” a presa, mas nenhum consegue “ver” a totalidade do animal. Cada um descreve o animal a partir das suas percepções e limitações. O nosso contato com a realidade pode ser traduzido por meio dessa cena, de forma metafórica, pois demandaria um esforço hercúleo de um ser humano comum para conseguir se distanciar da realidade e, assim, poder absorvê-la com mais autonomia e amplitude.

A linguagem é outra forma de tortura psicológica e de manipulação implementada pelo partido do governo. Assim como o governo reduziu o número de ministérios e de continentes, foi reduzida a quantidade de termos do código linguístico vigente na Oceânia com a implementação da “novafala” (novilíngua). Com isso, não só a capacidade argumentativa e o pensamento crítico das pessoas ficam reduzidos, como limita a interação das pessoas, das comunidades e dos grupos sociais. Da mesma forma, as emoções das pessoas ficam restritas ao reduzido portfólio vocabular, reforçando um ambiente vazio de humanidade e de criatividade, alinhando-se ao ideal de obscuridade defendido pelo governo.

A influência que “1984” teve sobre a construção do reality show “Big Brother” é uma unanimidade na imprensa. Assim, podemos pensar que a literatura de Orwell inspirou o entretenimento e que o entretenimento reproduziu aquela realidade distópica das páginas do romance. Dessa forma, seria demasiadamente insano pensar que o reality show (com sua vigilância consentida) saiu das telas televisivas e se transportou para o nosso cotidiano (vigilância forçada)?

Sabe-se que hoje as sociedades vivem sob as lentes de câmeras de segurança (vigilância) em ruas, shoppings, estádios de futebol, condomínios e até mesmo dentro de suas próprias casas. Ainda há as câmeras de celulares, tablets e computadores que monitoram nossos passos e nossos acessos à internet, algo como as teletelas descritas em “1984”, bem como os monitores que transmitiam as imagens de propagandas do regime e, ao mesmo tempo, captavam imagens da audiência. Como seria possível não associar esses fatos, tão presentes e tão

“reais”, ao texto de “1984” trazido por Orwell? A explicação parece simples. Por mais plausível que seja essa proximidade com a realidade de 2021, é preciso registrar que o livro foi publicado há mais de 70 anos, em um contexto hostil e de destruição. Por outro lado, era um tempo em transformação na Europa, que levou o mundo a significativos avanços tecnológicos, inicialmente em favor das guerras, mas deixando legados positivos de inovação às sociedades. E o mundo é obrigado a conviver com essa dialética provocada pela literatura e por fatos históricos. Segundo Antônio Cândido (2000), o atrito provocado pela dialética é que pode suscitar questionamentos sobre a realidade e auxiliar no processo de transformação social.

Exemplo disso é a recente publicação da nova Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD, que busca garantir a qualquer pessoa no Brasil o direito de preservar seus dados pessoais, fruto de amplos debates acerca da privacidade e vigilância de dados na internet. De olho nas questões jurídicas envolvidas, a população e as Instituições ainda se questionam sobre o papel das redes sociais e de buscadores de conteúdo, a exemplo do Google, que capturam nossos dados de navegação e hábitos na web para influenciar nosso comportamento e nos enviar materiais publicitários dos mais variados segmentos, sem que tenhamos solicitado.

Dentro desse contexto de sociedade vigiada, há muitas questões éticas que precisam ser debatidas, notadamente no que se refere à modalidade de reconhecimento facial, bem como as soluções de big data, que fornecem a base para os algoritmos da inteligência artificial (IA) e contribuem significativamente para a exposição da privacidade das pessoas. Qual seria o conceito de legalidade que sustentaria esse modelo de invasão de privacidade? O uso indiscriminado dessa tecnologia seria a moeda de troca em nome da segurança que supostamente é oferecida à população?

Da mesma forma, “1984” coloca em discussão os sistemas autoritários de governo, tema bastante atual e que pode servir de mote para pesquisas mais aprofundadas na área do Direito. Até que ponto uma Constituição (no caso do Brasil) poderia ser suplantada unilateralmente por um governo autoritário e totalitarista? Como o autoritarismo se apropria das democracias e implementa sistemas de governo alinhados a ideais ditatoriais e fascistas? Essas e outras questões são postas à mesa por George Orwell, cabendo ao leitor provocar esse

tipo de debate, sempre pautado em ciência e em pesquisa, como ferramenta de transformação e de avanço sociais.

De acordo com “1984”, o sistema de governo da Oceânia dividiu o país em três camadas: 1% da população era formada pela casta do partido que controlava o país; 14% eram as pessoas que efetivamente eram controladas pelo partido; os 85% restantes eram os proletas, que sequer eram vigiados, como se não existissem. O controle do partido era exercido sobre os intelectuais e as pessoas influentes da sociedade (os 14%), pois eram as pessoas que poderiam oferecer algum risco ao partido. As massas (85%), como não recebiam educação e nenhuma outra assistência do partido, não ofereciam quaisquer riscos à manutenção daquele governo totalitário, razão pela qual não possuíam nem teletelas em suas casas.

Para a manutenção do poder, o partido cria estratégias de dominação, como um inimigo imaginário a ser combatido, além de uma situação constante de guerra. Isso pode trazer uma instabilidade às pessoas, instaurando o medo entre os mais oprimidos, os proletas, levando-os a permanecer reféns das migalhas que lhes são jogadas pela casta partidária de 1%.

Os intelectuais e as pessoas realmente influentes (14%), por sua vez, viviam uma sensação de poder de uma classe sobre outra (proletas), chegando a oprimi-la. Ao mesmo tempo em que era oprimida e vigiada pelo partido (1%), ocupava-se em oprimir quem já não existia aos olhos do partido, os proletas. Esse fenômeno é definido pelo filósofo francês Étienne de La Boétie⁵ (1530-1563) como uma forma de “servidão voluntária”, referindo-se à perda do desejo de liberdade. Ou seja, em um contexto de ausência completa de perspectiva, qual motivação o cidadão teria para viver em “liberdade”?

La Boétie ainda diz que, “enquanto houver algo de humano na coletividade, o homem só se deixa subjugar se for forçado ou enganado”⁶. Isso talvez explique o papel de personagens como Winston Smith e Júlia, que se dizem amantes e vivem as emoções de seres humanos comuns, mesmo com a proibição do governo quanto às práticas sexuais e afetivas. O lado humano desses atores os coloca na posição de enfrentamento ao partido do governo, bem como expõe a fragilidade das barreiras segregacionistas das três camadas da estrutura social da Oceânia, até então intransponíveis aos olhos vigilantes da autoridade governamental.

⁵ <https://canalcienciascriminais.com.br/etienne-boetie/>, capturado em 19.7.2021.

⁶ <https://canalcienciascriminais.com.br/etienne-boetie/>, capturado em 19.7.2021.

Mais uma vez, a verdade verossímil da literatura se confunde com a realidade das pessoas, pois o texto literário constantemente nos convida a ler aquilo que não foi dito, aquilo que ficou nas entrelinhas. Vejamos o que a literatura quer de nós nessas situações:

A Literatura quer provocar reflexões de ideias, de opiniões, de ideologias, indicando possibilidades de leitura do texto propriamente dito e daquilo que estaria por trás da narrativa, que são as lacunas do texto entregues à multiplicidade de vozes encontradas nas entrelinhas (...). A reflexão é um ato individual, pois o direcionamento da análise feita pelo sujeito pode ser dado pelo seu histórico de vida, pelas suas experiências e pelo seu ponto de vista. (RIGHI, 2017)⁷

Com isso, entendo que o objetivo de Orwell seria estimular a Ciência, o fazer científico. De que forma? Provocando o debate, a reflexão, o choque de ideia e, assim, afirmar ou refutar, no todo ou em parte, os conceitos científicos existentes até então. Será que a literatura de George Orwell teria a intenção de revelar “verdades” em “1984”? Vamos lembrar:

A Literatura não quer “a” verdade; ela quer “verdades” – no plural. Se tivermos a pretensão de encerrar uma obra de arte em apenas um conceito, perderíamos a essência daquele momento de alumbramento que culminou em sua concepção. A arte só é arte porque o seu entendimento não pertence ao mundo real. Pertence, sim, ao imaginário individual, replicado nas percepções da coletividade. Pertence aos incontáveis olhares e às inúmeras reflexões possíveis, os quais poderão, esses, sim, conectar-se ao mundo visível e material com o propósito de nele interferir. (RIGHI, 2017)⁸

A verdade é que a ciência não é um dogma e não está alicerçada nem em crenças religiosas, nem em vertentes políticas. Não se deve confundir o estudo da Ciência Política com preferências partidárias ou alinhamentos ideológicos. Desde que haja embasamento científico, qualquer verdade pode ser questionada, dentro das boas práticas do conhecimento sustentado que fizeram e fazem a humanidade caminhar até aqui.

Foi por meio do conhecimento que o mundo chegou ao patamar atual de inovação tecnológica. George Orwell pode, sim, explicitamente ou nas entrelinhas de “1984”, ter plantado sementes do desenvolvimento tecnológico no árido e inóspito solo bélico dos idos anos de 1949, cujos frutos fazem parte de todo o

⁷ Vol. 02, jan-jul-2017, pág. 155-169.

⁸ Vol. 02, jan-jul-2017, pág. 155-169.

contexto social no qual estamos mergulhados em 2021. O uso que fazemos desses recursos, ao contrário, não podemos atribuir a Orwell. Retomo a questão do “livre arbítrio” que escrevi acima: esse juízo chamado “livre arbítrio” é quem dará a tônica do rumo que a humanidade tomará.

4 TERCEIRA PARTE: Utopia e Distopia

Utopia e Distopia são dois conceitos fundamentais que permeiam as discussões sobre as realidades dos países. No caso em questão, entender o funcionamento de uma Distopia contribui significativamente para a compreensão da realidade construída pelo autor na obra “1984”.

Segundo Débora Silva⁹, a utopia pode ser compreendida como um projeto de civilização ideal (idealizada), imaginária, perfeita e, por isso, inalcançável (utópica). Por isso mesmo a utopia é associada a um “não-lugar”, a um lugar que não existe. A distopia, por sua vez, é o contrário disso. Ela apresenta uma visão negativa do futuro, sendo geralmente caracterizada pelo totalitarismo, autoritarismo e pelo opressivo controle da sociedade. Em obras ficcionais, os autores retratam o futuro de uma maneira negativa, com um desenlace catastrófico para a humanidade. Nas distopias, o Estado normalmente é corrupto e usa a tecnologia como ferramenta de controle. Além disso, fica evidente que a realidade para um mundo melhor não é possível; pelo contrário: as características negativas da realidade são reforçadas, servindo de alerta para a humanidade.

Rebecca Ray¹⁰, por sua vez, sintetizou seis elementos comuns das distopias autoritárias e suas respectivas descrições.

I) Elemento:

1. As pessoas estão restritas ao pensamento e à ação independentes.
2. O governo no controle é muitas vezes opressivo.
3. A configuração é frequentemente futurista ou em um universo fictício.
4. Contém elementos de conformidade ou extrema igualdade.
5. O governo retrata sua sociedade como uma utopia.

⁹ <https://www.estudopratico.com.br/utopia-e-distopia-conceito-e-exemplos/>, capturado em 19.7.2021.

¹⁰ <https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/elementos-distopicos>, capturado em 19.7.2021.

6. O protagonista deseja restaurar as pessoas à vida convencional.

II) Descrição:

1. As pessoas não são livres para fazer suas próprias escolhas na vida, pois o governo escolhe para elas.
2. Um governo opressivo é muitas vezes arrogante, tem vigilância constante sobre seu povo, cria toques de recolher, tem controle militar e reprime seu povo.
3. O cenário é muitas vezes no futuro, ou em um universo fictício, após uma guerra ou catástrofe maciça. Isso ajuda a explicar a estrutura diferente da sociedade e justifica o poder do governo.
4. As pessoas são forçadas a ser muito parecidas e obedecer às regras e expectativas que o governo estabeleceu.
5. Eles usam propaganda e manipulação sutil para enganar seu povo e acreditar que as coisas são perfeitas.
6. O personagem principal tem um momento de clareza e percebe os problemas da sociedade. Eles tentam fazer uma mudança para "libertar as pessoas".

5 QUARTA PARTE: Considerações Finais

“Se é que há esperança, a esperança está nos proletas”. A título de conclusão, este artigo poderia ser encerrado apenas com essa fala do protagonista Winston Smith, pois ela representa a gênese do verdadeiro poder que Orwell procurou evidenciar em “1984”. Estatisticamente, esse poder recai sobre 85% da população da Oceânia, formada pelos proletas (a base da pirâmide social), embora não possuam o equivalente quantitativo na representação social e política.

Seguindo a mesma relação que procurei estabelecer entre “verdade literária” (verossímil) e “verdade factual”, é possível sugerir que o discurso de Winston evoca os termos do Artigo Primeiro, Parágrafo Único da Constituição Brasileira: “Todo o poder emana do povo”. Joilson Gouveia¹¹ nos esclarece que essa referência à Carta Magna significa que:

o poder é do povo (soberania popular) que elege os seus representantes ao outorgar-lhes ou delegar-lhes um mandato parlamentar, para o Legislativo ou para o Executivo. Mas é importante destacar que não lhes outorgamos nenhuma procuração para espoliar, aviltar e saquear a erário em nosso nome e mentir insolente, descarada e impunemente para toda a nação,

¹¹ <https://jus.com.br/artigos/25447/todo-poder-emana-do-povo-e-em-seu-nome-sera-exercido>, capturado em 19.7.2021.

dessarte, espezinhar a nossa cidadania e/ou a soberania popular, chamando-nos a todos nós de palhaços, além de fazer menoscabo da ética, da moral, da lei e da ordem.¹²

Nota-se que, de fato, as grandes massas populacionais, que frequentemente são manipuladas por uma minoria política, desconhecem a força que têm e deixam-se ser comandadas por elites geralmente autoritárias e pautadas em corrupção. A força e a letargia são variáveis antagônicas que convivem nessas comunidades marginalizadas, embora as pessoas não se percebam imersas nessa condição, exatamente como reza a cartilha do capitalismo e do autoritarismo.

Conforme escrevi em minha Dissertação de Mestrado (2006, p. 127)¹³, ao analisar os versos da canção “Admirável Mundo Novo” (Zé Ramalho, 1980), um homem nessas condições é relegado à condição animalizada, à força bruta, como “homem objeto, homem marcado, homem bicho, homem boi”. Ou seja, a exploração exercida pelo capitalismo e por formas autoritárias de governo tiram dos homens comuns, que representam a base de todas as outras classes sociais, a sua condição humana e os transformam em animais, portanto irracionais. A força bruta pode ser associada ao boi, ao tempo em que a letargia, a passividade e a irracionalidade não são características que possam definir um homem como sujeito social. Subvertendo o pensamento de La Boétie, o homem se deixou subjugar porque perdeu sua condição de humano e foi excluído pelo próprio Estado que deveria zelar pela sua integridade.

E a literatura, mais uma vez, foi a porta-voz desse catálogo de possibilidades reflexivas, como legado a todas as gerações e a todos os países, à revelia de quaisquer vertentes políticas e ideológicas. A obra nos presenteia com recortes atemporais aos contextos sociais e históricos em que foi produzida, conectando fatos políticos, econômicos, éticos, tecnológicos e de inovação. Pela pesquisa que realizei, também porque assumi um discurso em primeira pessoa, reconheço a significativa contribuição deixada por George Orwell em “1984”, principalmente pelos encaminhamentos reflexivos propostos. E nós, apreciadores de boas leituras, poderemos ampliar essas discussões com nossas pesquisas, publicações e com debates que possamos promover.

¹² <https://jus.com.br/artigos/25447/todo-poder-emana-do-povo-e-em-seu-nome-sera-exercido>, capturado em 19.7.2021.

¹³ “O poeta emparedado: tragédia social em Cruz e Sousa”.

Reforço, finalmente, que a Literatura, como ciência que é, também é estética, é beleza, é romântica, é simbólica, é realista, é moderna, dependendo do momento histórico em que a obra foi concebida. A Literatura, como obra de arte, é uma manifestação da expressividade humana, tendo a palavra como matéria-prima focada no apelo emocional e na possibilidade de despertar o imaginário coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

COSTA, Lígia Militz da Costa. **Mimese e Verossimilhança**. São Paulo: Ática, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAVLOSKI, Evanir. **1984 – A distopia do indivíduo sob controle** (Dissertação). Curitiba, 2005.

RIGHI, Volnei José. **Ritmo e Poesia: Processos de construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro** (Doutorado). Brasília-DF / Rennes, França: 2011. Disponível: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/10853>.

----- **O poeta emparedado: Tragédia social em Cruz e Sousa** (Mestrado). Brasília-DF: 2006. Disponível: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2764>.

----- **Das Letras ao Direito: uma reflexão sobre a obra “O sol é para todos”, de Harper Lee**. São Luiz Gonzaga-RS: Revista RICADI, Vol. 02, Jan/Jul 2017, p. 155-169.

<https://blog.poemese.com/resumo-de-1984-de-george-orwell/>, de 29.6.2020, capturado em 19.7.2021.

<https://www.guiaestudo.com.br/1984>, de 28.9.2020, capturado em 19.7.2021.

<https://www.estudopratico.com.br/utopia-e-distopia-conceito-e-exemplos/>, capturado em 19.7.2021.

<https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/elementos-distopicos>, capturado em 19.7.2021.

<https://canalcienciascriminais.com.br/etienne-boetie/>, capturado em 19.7.2021.